

FRUITS OF DISCOVERY: PERCURSOS INVESTIGATIVOS E NARRATIVAS INFANTIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL BILÍNGUE

Beatriz Catalano Calleja

RESUMO

Este artigo apresenta um percurso investigativo realizado com crianças de 3 e 4 anos, em contexto de educação infantil bilíngue (português e inglês). A experiência, intitulada *Fruits of Discovery*, teve como eixo a curiosidade e a exploração de elementos naturais, desencadeando narrativas criativas e metáforas poéticas elaboradas pelos educandos. Mais do que explorar características das frutas, o percurso revelou a potência da criança em formular teorias provisórias, mobilizando múltiplas linguagens para ler e interpretar o mundo. A fundamentação teórica apoiou-se na abordagem Reggio Emilia (MALAGUZZI, 1999; RINALDI, 2020; HOYUELOS, 2019; GUERRA, 2013), na importância da imaginação e da narrativa (RODARI, 1973) e na relação da criança com a natureza (LOUV, 2016). O trabalho dialogou ainda com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). A metodologia adotada teve ênfase na documentação pedagógica como prática interpretativa e relacional (RINALDI, 2019). As investigações emergiram de múltiplas linguagens, narrativas orais bilíngues, registros gráficos, esculturas em argila e metáforas poéticas, configurando teorias provisórias que revelaram a potência criadora das crianças. O ambiente escolar foi vivido como “ateliê difuso”, em que sala de referência, parques e demais espaços se tornaram campos de pesquisa, sustentados por instrumentos projetuais e pela escuta sensível dos educadores. Concluiu-se que percursos investigativos como este ampliam a potência criativa das crianças, fortalecem a documentação pedagógica e contribuem para a construção de uma educação bilíngue que valoriza a autoria e a sensibilidade.

Palavras-chave: Percursos Investigativos; Narrativas Infantis; Documentação Pedagógica; Múltiplas Linguagens; Abordagem Reggio Emilia.

Introdução

Na educação infantil, investigar não é um ato isolado, mas uma possibilidade presente em cada experiência cotidiana, por meio da criação de contextos que dão visibilidade à curiosidade e à potência criativa das crianças. No caso da educação bilíngue, esse movimento ganha uma dimensão ampliada: ao transitar entre português e inglês, os educandos não apenas nomeiam o mundo, mas também constroem sentidos que atravessam culturas, linguagens e identidades (MEGALE, 2023).

O percurso *Fruits of Discovery*, realizado com crianças de 3 e 4 anos, evidenciou essa potência. A presença das frutas não se limitou a um estudo de propriedades físicas, mas tornou-se provocação para narrativas poéticas, descobertas sensíveis e

aprendizagens significativas.

O olhar do educador precisou se aproximar do da criança: um olhar que se deixa encantar e transformar o cotidiano em descoberta, assumindo uma postura intencional que busca sentidos mais profundos (GUERRA, 2013).

A relação dos alunos com as frutas revelou-se como ponte entre natureza e imaginação: ao explorar sabores, cores e texturas, transformaram casca em casa, semente em personagem e cor em emoção, mostrando a natureza como interlocutora que inspira metáforas e aprendizagens sensíveis.

Fundamentação teórica

A experiência dialogou com o pensamento de Loris Malaguzzi (1999), que concebe a criança como protagonista da própria aprendizagem, dotada de múltiplas linguagens para investigar e expressar o mundo. O percurso investigativo, nesse sentido, não foi apenas um recurso metodológico, mas um modo de afirmar a criança como sujeito ativo e cultural.

Essa concepção encontrou continuidade em Carla Rinaldi (2020), que compreende a documentação pedagógica como prática ética, política e estética. Documentar significa registrar, interpretar e compartilhar os processos de aprendizagem das crianças, reconhecendo-os como produção cultural e, portanto, como conhecimento válido e significativo. Como afirma a autora, “[...] a documentação pedagógica visualiza os processos de aprendizado das crianças, a busca pelo sentido das coisas e as formas de construir o conhecimento” (RINALDI, 2020, p. 45). Assim, a documentação se apresentou como instrumento que deu visibilidade ao pensamento infantil, aproximando-se da lógica projetual da abordagem de Reggio Emilia.

Nesse horizonte, Monica Guerra (2013, p. 164) acrescenta que “[...] a exploração alimenta-se das questões que esse encontro solicita, dos estímulos que propõe, para pedir um trabalho à sua volta que se faça simultaneamente e pensando ao longo do caminho. Por isso é intrinsecamente reflexivo”. A exploração, tal como a documentação, é um processo aberto, em que a intencionalidade pedagógica convive com o inesperado, a imperfeição e a beleza que emergem do percurso.

Essa abertura ao inesperado também é evidenciada por Gianni Rodari (1973), que, em *A Gramática da Fantasia*, apresenta os “binômios fantásticos” como recurso criativo. Para o autor, “É necessário uma certa distância entre as duas palavras, é necessário que uma seja suficientemente estranha à outra e sua aproximação

discretamente insólita, para que a imaginação se veja obrigada a instituir um parentesco entre elas, para criar um conjunto (fantástico) onde os dois elementos estranhos possam conviver” (RODARI, 1973, p. 21). Nesse sentido, o raciocínio metafórico das crianças, frequentemente expresso em suas falas, transforma objetos cotidianos em narrativas carregadas de sentido. Quando um infante diz que “a casca é a casa das sementes”, ativa um pensamento metafórico que amplia a compreensão do mundo.

Alfredo Hoyuelos (2019) amplia essa compreensão ao enfatizar a dimensão ética e estética da infância. Para ele, reconhecer a criatividade infantil no brincar e no investigar é também reconhecer a criança como sujeito de direitos, uma vez que é entendido como, além de um direito, uma aventura, um sonho, um verdadeiro espaço de possibilidades como âmbito estético (PALOU apud HOYUELOS, 2019). Nesse sentido, o percurso investigativo não se restringe a uma atividade, mas assume o caráter de experiência cultural e cidadã.

Essa leitura ganha força quando conectada ao pensamento de Richard Louv (2016), que, em *A última criança na natureza*, destaca a relevância do vínculo entre infância e meio natural. Para o autor, a proximidade com a natureza estimula a curiosidade, a concentração e a saúde emocional, pois, “enquanto a educação ambiental se concentra em como viver corretamente no mundo, a educação experiencial ensina por meio dos sentidos no mundo natural” (LOUV, 2016, p. 161). Ao explorar frutas, cores, texturas e aromas, os educandos não apenas manipulam objetos, mas se relacionam com a natureza como campo de descobertas e imaginação.

Por fim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) oferece sustentação a essas práticas ao indicar que a educação infantil deve ter como eixos estruturantes as interações e as brincadeiras, assegurando às crianças experiências que lhes possibilitem “fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações” (BRASIL, 2017, p. 43).

Assim, o percurso *Fruits of Discovery* reafirmou que a infância, quando reconhecida em sua potência criativa e investigativa, transforma o ordinário em extraordinário. A relação com as frutas não se reduziu a uma atividade sensorial, mas constituiu-se em experiência estética, cultural e investigativa, na qual as crianças produziram metáforas, narrativas e teorias provisórias sobre o mundo, revelando que a imaginação infantil cria parentescos insólitos que ampliam o real. Em suma, o percurso evidenciou que a educação infantil, quando pautada por interações e brincadeiras,

promove uma pedagogia da escuta e da autoria, em que os alunos são protagonistas de sua aprendizagem e coautores de cultura.

Metodologia

O percurso foi vivenciado por 20 crianças de 3 e 4 anos, em um contexto bilíngue português–inglês, em um colégio da Rede Azul. A metodologia adotada foi qualitativa, com foco na documentação pedagógica como recurso interpretativo (RINALDI, 2019), compreendida como prática ética e política que torna visíveis os processos de pensamento, as teorias provisórias e as aprendizagens das crianças.

A presença das frutas no ambiente escolar desencadeou observações e explorações espontâneas. Em vez de instruções diretas, as frutas foram apresentadas como provocações investigativas, permitindo que as crianças se aproximassem delas por meio do tato, do paladar, do olfato e da visão. Tocá-las, descascá-las, desenhá-las, compará-las, cheirá-las, prová-las e narrar as descobertas constituíram-se como processo estético e investigativo.

Os contextos surgiram em múltiplas linguagens: narrativas orais bilíngues, marcas gráficas iniciais, registros escritos coletivos, desenhos de observação, esculturas em argila e metáforas criadas nas rodas de conversa. Cada expressão foi considerada parte de uma rede de significados, em que as crianças formularam teorias provisórias que revelaram tanto sua potência criadora quanto sua leitura de mundo. Entre as teorias, destacam-se falas como: “O purple comeu a uva”; “Casca existe pra laranja não ficar pelada, ela é a roupinha da fruta”; “A orange vira kiwi, porque ela é verde e tem pretinho dentro”.

O ambiente escolar foi vivido como “ateliê difuso”¹, conceito inspirado nas práticas reggianas, em que todo espaço se torna potencial de criação e de investigação. As explorações se desenrolaram tanto dentro da sala de referência quanto nos parques ao redor, reafirmando que o espaço, quando organizado de forma estética e provocadora, atua como terceiro educador (MALAGUZZI, 1999).

¹ O termo “ateliê difuso”, inspirado na abordagem de Reggio Emilia, propõe que a experiência estética, investigativa e criativa não se restrinja a um espaço específico da escola ou ao trabalho do atelierista, mas se expanda para diversos ambientes da escola, espaços internos e externos projetados e organizados para aprimorar as características de visibilidade, relacionamento, comunicação, participação e não hierarquia entre ambientes. As interconexões estimulam a curiosidade, a exploração, a interação e a autonomia das crianças. Para saber mais, ver REGGIO CHILDREN. *Progettare spazi educativi*. Disponível em: <https://www.reggiochildren.it/rc/formazione/gruppi-di-studio/2024-2025/progettare-spazi-educativi/>. Acesso em: 11 set. 2025.

Além disso, foram utilizados instrumentos projetuais, como pautas de observação, mapas conceituais e registros fotográficos, que sustentaram o planejamento dos contextos, o relançamento das propostas e a interpretação coletiva dos percursos. A presença da dupla docência favoreceu a escuta atenta e o acompanhamento das investigações, permitindo que os professores atuassem como copesquisadores capazes de sustentar, ampliar e dar visibilidade às descobertas das crianças.

Resultados e discussão

A análise da documentação revelou aspectos centrais: potência criativa e poética. As metáforas infantis confirmaram que a imaginação é parte constitutiva da investigação. Como afirma Rodari (1973), a fantasia não se opõe ao conhecimento, mas o amplia.

As falas mostraram construções explicativas que unem observação e simbolização. Ao afirmar que “a casca é a casa das sementes”, as crianças não apenas descreveram, mas elaboraram sistemas de pensamento que relacionam a função e o significado. A casca deixou de ser apenas um revestimento e passou a ser compreendida como abrigo, como um espaço de proteção e moradia. Nesse gesto de linguagem, o olhar infantil atribuiu sentido à estrutura da fruta, unindo imaginação, cuidado e lógica em uma explicação que revelou uma maneira singular de interpretar o mundo.

A relação sensível com as frutas aproximou os alunos da natureza como espaço de encantamento e descoberta, em consonância com Louv (2016), que destaca a reconexão com o natural como essencial ao desenvolvimento integral.

A paleta de cores da natureza pôde ser lida como camadas de histórias: cada tonalidade trouxe consigo uma singularidade, um tempo, uma estação, uma transformação, que as crianças reconheceram e reinterpretaram em suas investigações. Trata-se da “[...] globalidade do conhecimento no seu fazer-se e no seu dar-se, no seu proceder cíclico e profundo no diálogo entre indivíduo e ambiente, no seu questionar sábio e recíproco” (GUERRA, 2018, p. 52).

Dessa forma, o percurso mostrou que investigar não é apenas acumular informações, mas construir significados coletivos, sensíveis e culturais.

Conclusão

O percurso investigativo vivido pelas crianças de 3 e 4 anos não se limitou à exploração de frutas enquanto objetos naturais. A potência desse processo esteve na

forma como os educandos apropriaram-se das experiências sensoriais e, a partir delas, construíram narrativas e teorias provisórias que revelaram modos singulares de compreender o mundo.

Ao entoar a cantiga De abóbora faz melão, de melão faz melancia, as crianças transformaram a sequência das frutas em melodia e brincadeira. Nesse movimento coletivo, o alimento tornou-se personagem de uma narrativa cantada. O gesto musical ampliou o olhar para além do sensorial: o ritmo e a repetição criaram um encadeamento poético, que aproximou a fruta do imaginário da infância, em que o mundo natural e o mundo simbólico se entrelaçaram em canto e jogo.

Essas falas expressaram não apenas curiosidades, mas configuraram linguagens de pensamento (MALAGUZZI, 1999): maneiras pelas quais as crianças organizaram suas experiências em narrativas cheias de sentido. A documentação pedagógica, nesse sentido, cumpriu um papel essencial: tornar visível a lógica interna dessas descobertas. Como lembra Hoyuelos (2019), documentar é um ato ético porque reconhece o valor cultural da palavra da criança. Ao registrar as comparações e assimilações, as pinturas e as descrições bilíngues, a documentação deu corpo à pluralidade de interpretações que emergiram desse percurso.

Não se tratou, portanto, de ensinar sobre frutas, mas de aprender com os alunos como o mundo pode ser lido e reescrito por meio de metáforas, imagens e narrativas. É nesse ponto que se revelou a essência do percurso: a criança não apenas descobriu, mas também inventou, recriou, reconstruiu, numa relação de profunda intimidade entre linguagem, natureza e imaginação. Tudo isso aconteceu por meio de um olhar que brilhou como se fosse a primeira vez, olhos de encantamento, capazes de transformar o cotidiano em poesia.

Como sintetiza Louv (2016), o contato com o mundo natural desperta na infância não apenas conhecimento, mas um senso de encantamento e pertencimento. Nesse percurso investigativo, o que se cultivou não foi o saber técnico, mas a experiência sensível de perceber o mundo em detalhes e transformá-los em histórias.

Em suma, a aprendizagem na educação infantil bilíngue acontece quando as crianças são convidadas a explorar, narrar e simbolizar o mundo com liberdade criativa. Ao mobilizar metáforas, teorias provisórias e múltiplas linguagens, as crianças revelaram sua potência investigativa e poética, demonstrando que percursos investigativos são práticas potentes para a construção de narrativas e para o fortalecimento da autoria infantil.

Referências

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. GUERRA, Monica. As mais pequenas coisas: exploração como experiência educativa. São Paulo: Pedro & João Editores, 2013.
- HOYUELOS, A. Complexidade e relações na educação infantil. São Paulo: Phorte, 2019.
- LOUV, R. A última criança na natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.
- MALAGUZZI, L. As cem linguagens da criança. Reggio Emilia: Reggio Children, 1999.
- MEGALE, A. Escola bilíngue [livro eletrônico]: (trans)formando saberes na educação de professores. São Paulo: Fundação Santillana, 2023.
- RINALDI, C. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- RODARI, G. Gramática da fantasia: introdução à arte de inventar histórias. São Paulo: Summus, 1973.
- REGGIO CHILDREN. Progettare spazi educativi. Disponível em: <https://www.reggiochildren.it/rc/formazione/gruppi-di-studio/2024-2025/progettare-spazi-educativi/>. Acesso em: 11 set. 2025.